



Notas do tempo

AINDA O NATAL. Aquele apelo que a Luísa, de Malanje, aqui deixou no verão passado em singela crónica, foi admiravelmente correspondido: Uma inundação de brinquedos! Até da Austrália, mobilizando compatriotas nossos que lá ganham a vida e conseguindo dos aviões transporte gracioso! Eu creio que na altura os nossos cronistas registaram a breve visita que nos fez a promotora desta campanha. O que ela não vale como testemunho de que a Caridade não tem fronteiras nem conhece limites quando floresce, autêntica, no coração dos homens!

Eles aí estão aguardando oportunidade de os fazer chegar ao seu destino. Não foi neste Natal. Será no próximo...

Mas nem é isto o amargo! Quem dera que os nossos de Malanje e a multidão de crianças que lá tem acorrido, sentisse a falta de brinquedos! Outras carências incomparavelmente mais urgentes as fazem sofrer, desde o alimento à insegu-

rança em que a guerra os constitui, que roubam o sabor à vida.

Padre Telmo dá conta deste sofrimento com a autoridade de quem participa nele. E nós só podemos acrescentar, graças à sorte grande de uma comunicação telefónica ontem conseguida, que à nossa Casa ainda não chegaram os mortos, mas a intranquilidade, essa está instalada.

Deus os guarde!

ESTA CARTA, TAMBÉM NATALÍCIA:

«Apesar de o não conhecer muito bem, fiquei triste com a notícia da morte do Fernando Marques. Fico sempre com uma certa inveja das pessoas que conseguem arranjar tempo e forma para se dedicarem aos outros. Eu fico-me pelas intenções...!»

Nestes 27 anos, depois que me levou a casa, tenho procurado conseguir mais e melhor para mim e para os meus, numa tentativa de esquecer a miséria que senti em criança.

De certa forma tenho conseguido este desiderato. Porém, fica sempre aquela sensação de vazio; há alguma coisa mais a fazer. Por outro lado, não faltam causas justas para avançar.

O cheque que segue é para destinar ao que mais convier.»

Por entre os muitos desconfortos em que a vida é fértil, Deus põe ao nosso alcance destas *consoladelas*. Bendito seja!

Esta carta não constitui surpresa para mim. Diria mesmo que a repetição dos actos estabeleceu o hábito. Há vários anos que este nosso lutador «por conseguir mais e melhor para mim e para os meus, numa tentativa de esquecer a miséria que senti em criança», faz as suas contas e partilha com o velho tronco de que recebeu seiva na sua infância e juventude, proporcionalmente aos resultados conseguidos. Teve um bom ano, pelo vigor da *bolada* que nos dirigiu!

Porém a nossa *consoladela* não é função de quanti-

dades, mas da qualidade da postura de quem no-la provoca. Primeiro a constatação de alguém que assumiu as suas capacidades e as põe em jogo limpo, lutador de um bom combate. Pai Américo deixou-nos que a Obra «só deve a cada Rapaz fazer dele um Homem». Também nos disse: «Eu quero os meus filhos no Paraíso». E eu associo sempre este pensamento à palavra de Paulo VI, em Fátima: «Homens, sede Homens». Um homem que o é, na fidelidade à sua consciência e no exercitar dos talentos que Deus lhe deu, está certamente a caminho do Paraíso. A *dívida* de Pai Américo, liquidada; e o seu *querer* atingido.

Mas o nosso homem, «falando da abundância do coração», diz coisas importantes, que o revelam: «Fico sempre com uma certa inveja das pessoas que conseguem tempo e forma para se dedicarem aos outros». E, reconhecendo embora que tem conseguido o seu desiderato, «sempre lhe fica aquela sensação de vazio, de que há alguma coisa mais a fazer». Ora aqui está a essência da nossa *consoladela*. Só um homem, lutador de bons combates, permanece insatisfeito depois das

Continua na página 4

BENGUELA

A guerra voltou

POR onde hei-de começar? — penso. O horizonte está muito sombrio. É preciso, no entanto, andar sempre. É difícil. Não estou sozinho. Tenho uma Casa cheia para encaminhar. Olhar o futuro não basta. É preciso ver. Para não cair num beco sem saída. Tenho que fazer um apelo à Fé.

A guerra voltou. Mais violenta do que nunca nas áreas onde caiu. Estou a pensar no Planalto Central com suas cidades, vilas e aldeias. Penso em Malanje e seus arredores. Vejo parte do norte, também, a ferro e fogo.

Hoje, de manhã, consegui ligação telefónica para Malanje, a saber notícias da nossa Casa do Gaiato e de Padre Telmo. Nada lhe aconteceu de anormal, pois fica fora do alcance dos bombardeamentos..., até agora. Começa, contudo, a escassear o necessário, desde os medicamentos à alimentação. É a sorte do povo.

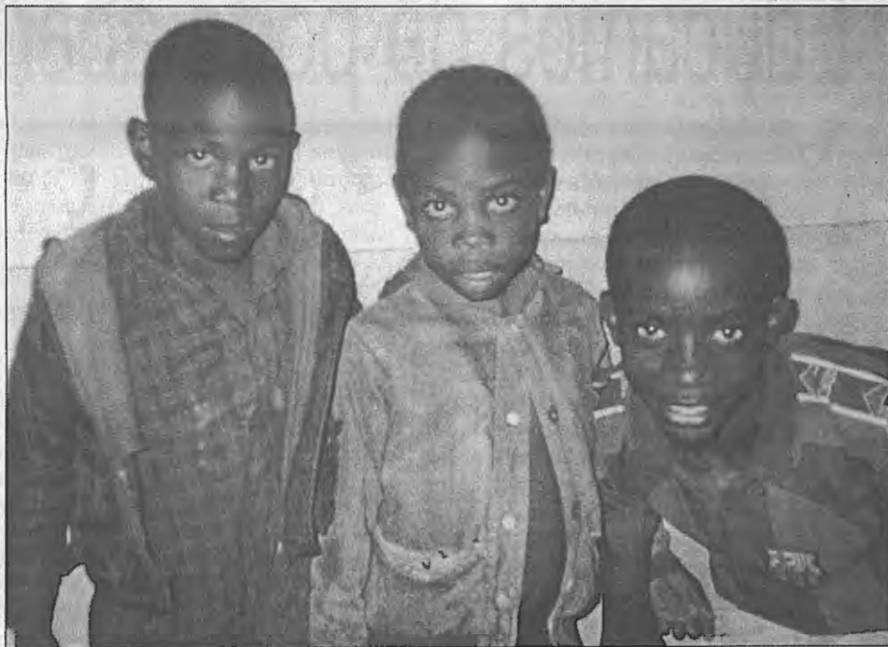
No litoral de Benguela, até ao momento, a situação está calma. As pessoas, pelo menos aparentemente, fazem a sua vida normal, com as mãos na cabeça, para não enlouquecerem com o aumento do custo de vida.

A vida em nossa Casa mantém-se. É preciso remar com mais força, contra a maré. A linguagem na comunicação social é muito violenta. O caminho já feito para a paz na alma das crianças está a ser minado... Aflige-me esta situação. Há que redobrar os esforços para ocupar o tempo em tarefas que formem o seu carácter equilibrado. Em lugar da guerra pôr a paz. No lugar da violência semear a reconciliação. Este é também o nosso ministério.

Um espectáculo lindo aconteceu, há dias, em nossa Casa. Ninguém deu por ele. Foi no escondido da nossa vida. Eis: Num campo de algodão semeado, pela

Continua na página 4

Malanje



Tem tal poder de simpatia a dor dos nossos Irmãos que te faz cair no chão, só porque ouves falar nela. Que faria se a visses no semblante deles?! — Pai Américo.

Natal de 1998

DIA-A-DIA se agrava, ao máximo, a situação dos refugiados. Vejo chegar toda a espécie de transportes carregados de pessoas, sacos, chapas e alguns utensílios domésticos. Tudo reflecte incerteza e abandono...

Desembocam nas praças como se tivessem vindo por mar — e ficam olhando, numa indecisão que magoa, as bocas das ruas que ali desaguardam.

Viver de quê? Comer onde? Lugar para ficar? Então assalta-me e me invade sempre o mesmo pensamento: A guerra é contra quem?

Aqueles que carregam o botão, estão longe destes horrores, muito longe... Os senhores dos partidos continuam a fazer as suas demoradas reuniões... Os homens de negócios aproveitam a boa terra... A multidão de vendedores ambulantes procura nos lucros o pão de cada dia... Aqueles que perderam tudo, esperam... Seus olhares multiplicam, hora-a-hora, suas capacidades de esperar. Nos seus íntimos já se aperceberam de que esta guerra não é contra partidos, não defende ninguém; é, e somente, contra eles.

Eles, encurralados nos becos sem saída dos bairros e labirintos.

Igrejas e organizações perderam a capacidade de atender a tantos... As faces dos mais desprotegidos começam a inchar. Muitos vão morrer...

É esta a foto triste deste Natal. Um Natal sem presépios, sem luzes e muita escuridão nos corações.

UM novo ano. Acendeu-se em Malanje o pavio da guerra. As bombas têm acertado em alvos humanos. Entre mortos e feridos é já uma centena. Vítimas inocentes!: Cinco mulheres na fonte, dois grupos nos mercados, alguns velhinhos e crianças nas casas.

O susto pegou na cidade... Carros e carros com refugiados a caminho de Luanda.

O que antes nos transmitia paz e alegria, aumenta agora a nostalgia e pena... Falo do bando das cegonhas brancas poisadas numa copa verde! e das nossas crianças que continuam brincando, indiferentes. Quando sentem o estrondo dizem, simplesmente, «é o João!», nome que dão ao morteiro.

Nada sabemos de política... Somente, esta realidade confrangedora que nos esmaga.

Padre Telmo

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

RENOVAÇÃO DAS CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES — Com a vossa preciosa ajuda, continuamos o trabalho regular de manutenção e melhoria das casas do Património dos Pobres da nossa vila. A de Santos Ilos, substancialmente alargada e renovada depois do falecimento das duas idosas que lá viviam, está agora «um brinco», quase pronta para acolher a Manela, o sr. Azevedo, seu marido, e os filhos que ainda estão por casa. Para o sr. Azevedo, a quem os anos já vão pesando, serão menos uns quilómetros a subir o monte, no longo trajecto diário entre a estação da CP e a sua actual residência. Para a Manela, é um regresso às origens, pois foi sítio onde ela já viveu com a mãe e os irmãos. Para os dois será um sítio mais confortável e acolhedor para passarem o resto dos seus dias, aliviando também desta forma o magro orçamento familiar. Foi para estes que o Património dos Pobres se fez e nós cá andamos a cuidar para que ele seja sempre daqueles a quem pertence que são os Pobres.

PARTILHA — Do assinante 10021, de Lisboa, dez mil escudos, «um pequeno donativo para os Pobres», e a bênção de Deus Pai, Rico em Misericórdia. Ele é a origem de todo o Bem.

A assinante 14493, da cidade Invicta, «deseja boa saúde para todos e envia a sua contribuição referente a Janeiro de 99». Jesus, o Médico Integral, ama com preleção os enfermos.

Também do Porto, entre outros donativos para a Conferência Vicentina da nossa vila,

vinte e cinco mil escudos, de parente de Pai Américo. Nas Terras do Sousa e em família alargada, viveu uma infância feliz!

A Capital marca presença com dez mil escudos, do assinante 67577; e mais oitenta e dois mil, «com o pensamento em Jesus e na Sua doutrina, rogando que rezem pelos meus entes queridos», do assinante 31104. Bendito seja o Nome do Senhor!

O nosso endereço: *Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO*, 4560 Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CAMPOS — Os nossos campos estão com erva. Por enquanto ainda não temos gado que a aproveite. Mas havemos de encontrar utilidade para ela.

REUNIÃO — Aos sábados, em nossa Casa, há reunião de chefes.

Há muito que não nos juntávamos para falar dos problemas e outras coisas importantes para a nossa vida comunitária.

GRIPE — O nosso hospital encheu-se rapidamente. São as normais gripes desta época. Umás, por falta de cuidado; outras, por contágio.

POMAR — Foram plantadas algumas árvores de fruto. Esperamos que, a seu tempo, nos possamos deliciar com saborosas sobremesas e merendas de fruta.

ESTUFA — O Mendão e sua equipa acabaram de construí-la. Ficou bonita e servirá a nossa horta.

Rui Manuel

TOJAL

ANIMAIS — São muitos os que temos — vacas, porcos e cerca de cinquenta ovelhas. Esperamos que na Primavera haja reprodução.

FESTAS — Como foi referido, os ensaios para as nossas Festas já começaram.

Queremos, uma vez mais, deixar o apelo de que, para além do material cénico, estamos necessitados de cabeleiras.

CARAS NOVAS — Temos recebido mais alguns irmãos em nossa Casa.

O Luís Amaro, de 13 anos; o Vitor Sousa, de 11; o Nelson Sousa, de 10; o Ivo Corda, de 7; o Filipe Viana, também de 7; o Armando Baptista, de 10; e o Eurico Baptista, de 9, são mais alguns rapazes que a nossa Casa vai tentar preparar para serem homens amanhã.

FUTEBOL — A falta de adversários para o desporto-rei continua. Aceitamos equipas formadas por gente de todas as idades.

Para marcação de jogos contactar: César Duarte Ferreira, Casa do Gaiato, Santo Antão do Tojal, 2670 Loures; ou pelo telefone 01-9749019.

Arnaldo Santos

SETÚBAL

CONSULTAS — Quando estamos doentes vamos ao médico ao hospital.

Quase todas as semanas os nossos condutores levam rapazes à consulta ou aos tratamentos.

Aquilo que a malta precisa mais é de tratar os dentes e os ossos (quando alguém se aleija). Mas também vamos à consulta por causa dos olhos, dos ouvidos, da garganta, ou por causa dos nervos.

Nós gostamos dos médicos e das enfermeiras porque são muito simpáticos connosco, tratam-nos bem e nunca pagámos...

Filipe André

LAVANDARIA — Está a ser arranjada por dentro e por fora para ficar maior e mais bonita.

A sala das máquinas onde está o tanque de lavar, ficou maior e, ao fundo, há um espaço grande onde se põe a roupa lavada. Ao lado, é a casa de banho que ficou à maneira. Também fizemos uma boa sala para a ti Francelina e a Sandra passarem a ferro com mais

Tiragem média
d'O GAIATO, por edição,
no mês de Janeiro,
66.516 exemplares.

conforto. As paredes foram rebocadas e o chão também foi arranjado. Agora falta arranjar o telhado e acabar de pintar as paredes.

As máquinas estão a trabalhar bem. Só duas é que demoram a arranjar, porque estão muito velhinhas e precisam de ir para a reforma.

José António Vinagre

LAVOURA — O tempo não tem ajudado porque chove muito pouco e, às vezes, até cai geadas. Mas como os nossos terrenos são bons, o pessoal aproveitou e já plantámos várias qualidades de couves (galega, lombarda, troncha, coração-de-boi e couve-flor). Também já semeámos coentros, espinafres, nabos, salsa, fava, ervilha, nabiça, cenoura, agriões, aveia e luzerna. O terreno já está preparado para receber a batata.

Amândio

PARQUE DAS NAÇÕES — Como gostámos muito de ir à EXPO'98, os do nosso Curso combinámos e fomos lá outra vez, no passado período lectivo.

Subimos à Torre Vasco da Gama, andámos no Teleférico, vimos aqueles jardins todos, muito bonitos, brincámos com os aparelhos do Jardim da Água, passeámos por todo o parque, e ainda deu para ver o Pavilhão do Território, que ainda não tínhamos visto e que também é muito bonito.

Também gostámos muito de ver outra vez aqueles vulcões de água.

Tirámos muitas fotografias, para recordação.

No fim, merendámos e vimos embora para Casa. Mas primeiro ainda fomos jogar umas partidas bem disputadas de matraquilhos.

Foi mesmo um dia bem passado.

Filipe André

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — «Senhor, que devo fazer para ganhar a Vida Eterna?» — perguntou, naquele tempo, um jovem a Jesus que lhe respondeu: — «Vai, vende o que tens e dá-o aos Pobres».

E os jovens de hoje. Será que se preocupam com a Vida Eterna? Será possível isso, nos tempos que atravessamos com tanta exploração, pornografia, sexo, droga... com as novas músicas?... Será que a cabeça deles ainda tem capacidade para mais?

Felizmente vão aparecendo casos que nos dão alguma esperança! É exemplo aquela escola que, há dias, referimos no «Famoso».

Contudo a resposta de Jesus não é fácil de entender!...

Quem seria capaz de acreditar tanto em Jesus a ponto de cumprir o que Ele diz?! Mas não é necessário vender tudo o que temos e dar aos Pobres. Que bom seria se, ao menos, repartíssemos parte do que temos, por aqueles que nada têm. Estamos certos que o Pai do Céu, ficava satisfeito, e que Jesus um dia nos diria: «Vem bendito de meu Pai, porque tive fome e deste-Me de comer, tive sede e deste-Me de beber, andava nu e deste-Me de vestir».

Pai Américo, sabia das dificuldades em entendermos o Evangelho. Por isso deixou escrito no seu livro *O Barredo*, acerca da falta de abrigos:

«O Evangelho é uma doutrina tão subida que um homem sem esperança dela, é incapaz de a escutar, muito menos de a praticar.»

É certo que a palavra dar é muito difícil de escutar e ler, mas também é certo que é o acto

que maior satisfação nos causa. Ainda, há tempos, pelo Natal, fomos levar o bodo aos nossos amigos. Mas esquecemo-nos de levar o brinquedo àquele deficiente mental. Vimos a tristeza estampada no seu rosto. Passados dias, voltámos com a prenda. Que grande alegria! Também que grande satisfação entrou o nosso coração, por termos causado tamanha alegria!...

Às vezes ficamos tristes. Quando nos esforçamos por satisfazer as necessidades dos nossos amigos e não conseguimos... Há dias, fomos visitar um casal idoso. Ele, com 81 anos de idade, sentado na cadeira de serviço, nu da cinta para baixo; ela, sentada na beira da cama, ao lado dele. Conversámos de vários assuntos, que não são outros que não as necessidades deles e os desabafos. Falámos do bodo do Natal. Perguntámos se o bacalhauzito era bom. Que não! Por fora muito lindo, mas quando o foram comer, sabia mal! Ficámos tristes porque, além de caro, tinhamo-nos esmerado na sua escolha. É que nós nestas coisas, fazemos como Pai Américo dizia: «A caridade não faz contas, nem tem limites».

Apetece-nos terminar estas linhas com mais um desabafo de Pai Américo: «Felizes os que se deixam apaixonar pelos Pobres».

Deixemo-nos, pois, apaixonar pelos Pobres. Assim temos a certeza de cumprir com a resposta de Jesus àquele jovem.

SAIBAMOS REPARTIR O PÃO — Por não termos conseguido a tempo a correspondência, não nos é possível enumerar o vossos donativos. Esperamos que no próximo número, já o possamos fazer.

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

Olga e Valdemar

RETALHOS DE VIDA

«Chuchu»

Sou o Carlos Filipe Sousa e Silva. Nasci em 27 de Janeiro de 1986.

Vivia em Cacia, numa casa muito pobre.

Vim para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa porque o meu pai batia muito na minha mãe e fugiu de casa.

Aqui sou conhecido por «Chuchu». Tenho cá mais dois irmãos.

De manhã, frequento o 3.º ano do Ensino Básico. De tarde, trato das limpezas.

Gosto de estar aqui e tenho muitos amigos. Quando crescer quero ser padeiro.



Carlos Silva («Chuchu»)

TRIBUNA DE COIMBRA

Educamos de porta aberta

V I partir três deles com sofrimento e tristeza. A Casa do Gaiato ainda não tinha cumprido a sua missão. A fuga de um rapaz causa-nos sempre um enorme sofrimento. Nós não sabemos bem de todas as razões. Há-as classificadas pela psicologia das profundidades. Mas há delas que nos escapam e nem o próprio dá conta. São idades difíceis e ocasiões de grande risco. Procuramos que esteja certo o nosso proceder rentabilizando meios e até a própria vida com sabedoria e humildade. Como muitos pais, sentimos que a nossa acção está longe de ser secundada por outras do mesmo quilate, por quem de direito e obrigação. Mesmo assim não desistimos dos verdadeiros valores. Educamos de porta aberta. Corremos o risco de educar nesta vertente e na hora própria o rapaz é quem decide. Nem sempre bem e quando se trata de uma fuga a dor aumenta.

Nesta hora quase todos procuram a família de sangue, mesmo quando não se

sabe bem dela. É uma exigência que brota da alma humana. Temos de consentir-lo, embora nos custe. O rapaz vai e, muitas vezes, faz a experiência do fracasso. É um vazio que só mais tarde nos faz conhecer. As expectativas desfazem-se como fumo. O rapaz continua só.

Penso muito na importância dos afectos que os nossos mais pequeninos disfrutam. Julgo mesmo da responsabilidade grande que temos em os não regatear e na hora própria. Ergue-se, como fantasma, o medo de adultos incapazes de amar, egocêntricos, de alma doente e fechada por na hora certa lhes ter faltado um sorriso amigo e uma mão terna estendida.

A partilha do afecto é mais sublime e urgente que a do pão. E é o contexto familiar e relacional que lhe dá sabor incomparável.

Setúbal

LEVADO pela paixão do rapaz da rua e pelas aflições de quem sente e sofre a sua situação presente, e o seu perigo amanhã, fui, por aí, a dois bairros chamados sociais — que não sei se haverá algo de mais anti-social que estes — na busca deles.

Também o Pastor do Evangelho deixa as noventa e nove ovelhas no redil e vai à procura de uma que anda perdida. Deixei mais de cem rapazes em nossa Casa e fui à procura, não de um, mas de três.

Os atribulados pedidos vieram de uma professora da Escola Primária da Cova da Piedade e de um Posto de Saúde da Ajuda, em Lisboa.

Encontradas as atribuladas e esperançosas mulheres, lá fui, com elas, aos bairros.

Os prédios são de quatro andares, sem elevador o que acho bem; com as escadas voltadas para a rua, com que também concordo, para arejar, dado que não podemos esperar grande esmero, mas estruturas de cimento negro e as paredes sem qualquer protecção para serem limpas ou lavadas. Mesmo assim o ambiente exterior é sofrível embora triste. Sente-se que imperou o factor económico na sua concepção e projecto. É tempo de avançarmos um pouco mais no lançamento de habitações para famílias degradadas. O que é comum, deveria, sim, ser belo e atractivo de maneira a educar o gosto e a criar a exigência nos habitantes.

Por dentro os andares transformam-se numa horrível espelunca. As casas de banho não funcionam. São estremeiras de roupa suja amontoada no chão a apodrecer exalando um cheiro repelente por toda a casa.

As cozinhas um amontoado de loiça por lavar emite também um fedor que misturado ao primeiro lembram o característico odor das barracas.

Dentro de uma morada no estado descrito a gente fica perplexo. O desalinho e a desordem imperam. Peças de roupa, calçado a esmo espalhados pelo chão, nunca varrido nem aspirado, espelham o interior deprimido daquelas almas.

Sempre defendemos e continuamos a sustentar, sem qualquer dúvida, que a casa é natural ao homem: — Um direito quase igual ao da vida. Perante estes espectáculos surge-nos a sensação de que não basta proporcionar a uma família degradada uma casa para habitar. É urgente acompanhá-la com visitas periódicas e estimular com prémios ou multas o cuidado que cada um depõe na sua habitação durante um período de tempo mais ou menos longo. Conforme o evoluir de cada uma.

O que se faz com o rendimento mínimo deve também acontecer com a casa. E as entidades envolvidas naquele deveriam também comprometer-se nesta. Uma inspecção anunciada a tempo e a cada família e, após

As vivências de qualidade afectiva na infância constituem um enorme reduto de defesa nas lutas da vida adulta. Decorre daqui uma grande responsabilidade para todos os educadores, para nós também, em as proporcionar qualitativamente.

Não é, obviamente, tarefa fácil e nem a cultura dominante ajuda. Multiplicam-se as teorias e, com estas, estruturas afins. Aperfeiçoam-se as leis, investem-se milhões em técnicas e gabinetes. Em matéria de menores, nunca visto! O resultado aparece um fracasso.

Falta uma acção social concertada. Que não se corrompa «além» o que «alí» se promoveu, a troca do lucro.

Falta um melhor conhecimento e experiência das realidades. Por nosso lado continuaremos a abrir o coração, mais do que as ideias. É a nossa forma de estar.

Padre João

o exame das condições, um prémio que poderia ser a diminuição da renda, ou um castigo concretizado no aumento da mesma até próxima vistoria.

O Bruno mais a professora levaram-me ao seu terceiro andar onde presenciei o que acabo de descrever.

Os pais e um irmão são toxicodependentes e estão internados para desintoxicação.

Abri-lhe as portas da Casa do Gaiato.

— Vai lá ver com os teus irmãos. Se gostares podes ficar!...

Até hoje nada!... Amanhã que será o Bruno? Que mais poderemos nós fazer agora?

Na Ajuda o segundo andar, com menos desordem, oferecia o mesmo cheiro.

Os dois rapazes: Um de doze e outro de treze anos tinham saído de manhã com mil escudos que o pai lhes pusera no bolso para comprarem o pão da família e ainda não tinham regressado. Eram dezanove horas. «Só batem à porta lá para a uma ou duas da madrugada» — acrescenta a madrastra.

O pai que não trabalha, ilucida-me que os pequenos andavam na segunda classe e foram expulsos da escola. Que todas as noites regressam somente alta madrugada. Que passam por (lá?...) o dia todo e que é a madrastra quem lhes abre a porta.

Duas meninas de três e cinco anos assistem ao diálogo mais um homem dos seus setenta que nos interrompe para acrescentar que os rapazes de agora são diferentes dos do seu tempo.

A mãe deles vive na, e da prostituição. Expliquei-lhes o que era a Casa do Gaiato. Que os rapazes seriam meus se todos quisessem. Que a porta lhes era franquiada.

Até hoje!, princípios de Fevereiro!... nada sei.

Nem dos rapazes, nem das intenções finais da família!...

Nem poderemos construir mais cadeias! Os cristãos têm nestes bairros um campo imenso onde poderão pôr à prova o seu amor a Deus.

Padre Acílio

ENCONTROS em Lisboa

JÁ por várias vezes peguei no papel e na caneta para escrever. Também já fiz vários propósitos de me corrigir e disse: «Tem que ser no próximo número». Aconteceu que já levei um amigável puxão de orelhas, não no sentido figurado, mas no sentido real. Tudo isto não chegou ainda para desfazer um certo nó que se encontra cá dentro a nível das ideias e da sua expressão. Hoje tem que ser, até porque no decorrer do calendário, os dias foram passando e deixei que o tempo de Natal se aproximasse do tempo da Quaresma. Aqui vão algumas notas:

- Como sucede todos os anos, mas sempre renovado, o Natal foi tempo rico de partilha. Os nossos amigos trouxeram-nos tudo: guloseimas, bacalhau, brinquedos, amizade, carinho. Fui deixando que o meu coração subisse até junto do de Deus para agradecer e pedir maiores bênçãos para todos os que nos traziam os seus presentes. Fui sensível a uma frase que apareceu com alguma frequência: «Diga-nos o que precisa». Muito obrigado a todos. Os nossos rapazes apreciam e também agradecem.

- Chega a Quaresma. Tempo forte na vida dos cristãos. Preparamos a Festa da Ressurreição. Olho o nosso ser cheio de contrastes: coisas muito boas e coisas a precisarem de ser transformadas. Procuramos a paz duradoura, nascida na unidade do nosso ser que encontra o seu caminho em

direcção Àquele de onde viemos e para onde caminhamos. É um caminhar não individual mas em comunhão com todo o povo cristão. É sempre bom termos estes momentos de caminhada em conjunto. Às vezes esperamos muito e a visibilidade é pouca. Este caminhar da comunidade deveria ter consequências a nível das sociedades e nem sempre se vê. Será que nos encontramos com o mesmo mistério do Semeador e da semente?

- Entre o Natal e a Quaresma vem o Carnaval. Alegria? Festa? Mais uma vez a complexidade da natureza humana que celebra o quê? Os instintos? O desrespeito pela regra e o grito profundo pela liberdade? O gosto pelo misterioso mascarado que mete medo e ao mesmo tempo atrai? Celebra a vida? Viva o Carnaval onde o dia seguinte tem sabor a ressaca.

- Lembro-me que S. Paulo, preocupado talvez com o facto de nós gostarmos mais das coisas boas e desanimarmos com facilidade diante das amargas, diz que prega Cristo crucificado, morto e ressuscitado. Numa Casa do Gaiato sentimos com alguma frequência esta realidade. É o vermos os miúdos a crescer, a transformarem-se, a ultrapassar as suas enfermidades; mas é também o sentirmos que é um trabalho de muita lentidão e muita paciência, muita dor e algum desalento pelas quedas que constantemente acontecem. Estou um

pouco habituado a este viver a Páscoa no dia-a-dia. Não esperava que a Páscoa também surgisse na morte real de um dos nossos rapazes. Quantos projectos acalentava para aquele menino de quase catorze anos que em muitas ocasiões se revelou capaz de me fazer rir de grande contentamento pela forma bonita como dizia certas coisas. Nunca esperei esta passagem pela sua morte. Mergulhar no mistério de Cristo. Esperar encontrar o Tiago e revê-lo à luz da Fé na Ressurreição, eis o trajecto que nos apareceu no início deste Ano Novo.

Padre Manuel Cristóvão

Uma carta

O GAIATO incomoda a nossa comodidade

Só me arrependo é das vezes em que não leio O GAIATO, pois a sua leitura move o coração de qualquer um e incomoda a nossa comodidade; mas, é também uma mistura de amor ao Próximo, com muita vida, muita esperança e acção concreta a favor dos que mais precisam.

Que o Senhor sempre vos abençoe, como abençoou a acção do Bom Samaritano e queira enviar muitos operários para essa «vinha».

Assinante 47528

Moçambique

Bruno

O Bruno entrou no escritório quando me preparava para escrever. Perguntei o que vinha fazer e a resposta foi rápida: «Ver se há aqui alguma coisa para comer». Por sinal havia dois reбуçados do Natal e levou um.

Este menino, agora com sete anos, chegou com cerca de um ano. Deu muitas preocupações por causa da saúde muito frágil. Um problema intestinal que demorou muito a sarar, alergia quase fatal aos antibióticos, trouxeram-nos em suspensão sobre a sua sobrevivência. Hoje, graças a Deus, estamos tranquilos.

Da idade dele para baixo temos cerca de trinta e quase todos nos fizeram passar horas angustiosas por causa da saúde.

Lembro-me de Pai Américo que, com a sua experiência breve de Miranda do Corvo, quis um edifício de hospital em Paço de Sousa, o que naquele tempo, admirou muita gente. Os tempos mudaram e nenhuma das nossas Casas pensou mais em ter um hospital nas Aldeias. Nem eu, nesta, pus o problema. Mas a verdade é que nos faz muita falta. É certamente, a primeira alteração a fazer após a conclusão da Capela.

Surpresas

MAS não era isto o que pensava dizer. O nosso Natal foi muito bom. Enquanto os rapazes se prepararam, fizeram os seus presépios com figuras moldadas por sua mão. A Missa da noite foi partilhada com a Aldeia, mas a do dia só

nossa. Não faltou o carinho de alguns amigos, com doces próprios do Natal, alguns brinquedos para os mais pequeninos e, até, ofertas em dinheiro, que normalmente são raras.

Pelo Ano Novo, um bom grupo foi visitar os seus familiares. São pessoas que nunca apareceram para os ver. Todos os que manifestaram interesse, deixámos ir com a recomendação de regressarem acompanhados por esse familiar para conhecer melhor a história.

Houve surpresas. Dois dos mais velhos vieram preparados para pegar nas suas coisas e seguir. Um, que já tinha a matrícula assegurada na Escola de Hotelaria, foi recebido pelos pais. Outro, com o pai na África do Sul, que ele nem conhece, foi no engano de ir ter com ele. Seis, apresentaram-se com pessoa de família capaz, que aceitaram ficar com eles. Podemos assim normalizar um pouco a população da Casa que já ultrapassava os cento e cinquenta. Mas desde o Natal que

não passa um dia sem novos casos e não há como negar-nos a alguns e recusar outros. Temos todo o empenho em receber somente os que não têm ninguém. Chego a dizer-lhes que os pais mereciam estar na cadeia por os deixarem na rua. Mas onde há lei para este tipo de comportamento dos pais? Os dois últimos vieram da Massaca. São dos nossos. A mãe morreu de cancro, cada um dos cinco filhos teve um pai. Quando toda a comunidade é solidária, nenhum apareceu no enterro da pobre mãe.

Mas apareceu para os desta Casa a promessa de um futuro pai. Vai em sete anos que nos conhece. Há muito se manifestou, deixou, com muito sofrimento e até angústia daqueles que o formaram, a Ordem dos Servos de Maria e foi aceite pelo Sr. Cardeal D. Alexandre para a Obra da Rua. Não é por mim que o não mereço, mas pelos Rapazes que o Pai tanto ama, que me sinto feliz.

Padre José Maria

Património dos Pobres

Procurar fazer o bem e fazê-lo bem feito

NÃO basta dar-lhes casa. Nem só conseguir-lhes emprego. Nem tão pouco por-lhes a mesa. É necessário acompanhá-los. Os Pobres são, na maior parte, pobres de cabeça, com muitos limites e problemas.

Começámos, mais uma vez, pelo limite do concelho, zona muito carenciada. Era manhã e o casal de engenheiros, apaixonados pela promoção no viver daquela gente, já estava à nossa espera.

A nossa primeira visita foi ao Luís. Ele está totalmente parafítico da cinta para baixo e permanecia ainda na cama. Como o frio entrava pelos buracos das tábuas sobrepostas na barraca onde têm vivido, os pais levaram-nos, a ele e à companheira, para o seu casebre e lá os encontramos num colchão no chão. Procuraram arranjar-lhe trabalho capaz das suas mãos e lá vai ele todos os dias, no seu transporte apropriado, para a escola de promoção onde recebe o ordenado pelo trabalho que executa com alegria. Já há o projecto para fazer-lhes uma casinha brevemente.

No caminho encontramos o pai do Luís, radiante da vida. Fez uma desintoxicação ao álcool: — *Já não sou o mesmo. Agora sou um homem válido. Não voltei a beber e trabalho todos os dias. Agora, sim,* disse ele com muita alegria.

Seguimos para a casa da família com quatro filhos e um deles doentinho. O quarto individual para ele, com casa de banho própria, está a ficar pronto.

Visitámos ainda outros projectos que temos em mãos.

Voltámos à estrada e tornámos ao eucaliptal onde está a casinha que ajudámos a fazer ao casal novo com dois filhos



Casebre em ruínas onde vivem o sr. Francisco, de 90 anos, e a filha.

ainda com chupeta na boca. Conseguiram emprego para ele na Junta de Freguesia. Trabalha na limpeza das ruas. Faltam-lhes ainda um quartinho de banho.

LOGO ao princípio da tarde encontramos-nos com o Pároco na sede da autarquia. Homem inquieto, que não demorou a desabafar: — *Falta uma equipa com garra e sensível aos problemas humanos. Graças a Deus que, com a vossa ajuda e outras, foi possível arranjar a casa de F. Temos outro problema. Uma senhora a viver com o pai, de noventa anos e que mal se mexe, num barraco em ruínas.*

Temos, ainda, um outro mais difícil. São duas famílias, no total de nove pessoas, a viver numa casita emprestada por uns primos, mas com a advertência de arranjar uma habitação para onde ir, pois os herdeiros querem fazer partilhas e precisam da casa livre.

Ficámos também inquietos com tudo aquilo que vimos e ouvimos mas com a esperança naquele Pároco vigilante e em algumas pessoas das duas paróquias de que é pastor. Prometemos, confiados em Deus e nos nossos Leitores, ajudá-los na resolução dos problemas destes irmãos carenciados.

Padre Horácio

CALVÁRIO

Dom da Fortaleza

O pobre homem encontra-se paralisado. Amigos condólos carregam-no num catre e procuram o Mestre. Como não podem entrar na casa onde Ele está, por via da multidão, sobem ao telhado e pelas telhas descem-no com cordas e colocam-no diante de Jesus. O Mestre cura-o.

Ao chegar o Dia Mundial do Doente recordo sempre este episódio do Evangelho, pois ele encerra a trajectória de todo o homem a quem a doença bate à porta e deseja vencê-la.

A doença é, na verdade, ocasião singular para o homem se encontrar consigo mesmo e aferir a sua dimensão de fragilidade. Às vezes, só nestas alturas se dá conta disso e da necessidade que temos dos outros.

A doença oferece oportunidade aos amigos para marcarem sua presença. É nestas ocasiões, sobretudo nelas, que conhecemos os verdadeiros amigos, oferecendo seus préstimos, mostrando sua amizade.

É sobretudo na doença que o homem recorre mais apressadamente a Deus para Lhe suplicar ou obter a solução que só Ele possui.

De facto a natureza humana é débil, muito débil mesmo. E tantos não cuidam de a proteger e salvaguardar. A doença raramente surge por acaso. Se a raiz dela não é anterior ao próprio homem, a doença normalmente é fruto do mau viver, do abuso ou descuido do viver e conviver.

Ela serve, pois, para se reflectir e tomar conta da fragilidade da vida. O homem, por ela, encontra-se mais fortemente consigo do que noutras alturas. Diante dela tem ocasião de aprender a viver melhor, de modo a acautelar os erros ou atentados que pratica contra a vida.

A doença é igualmente ocasião soberana para nos encontrarmos com os outros e deles recebermos atenções e ajuda. As longas filas de gente à porta dos hospitais, na hora de visita, são disso sinal eloquente.

Mas a doença é também momento singular para o homem se abeirar d'Aquele que é o Senhor da Vida. Nunca o homem poderá desesperar quando sabe que Deus o criou para viver, sofrendo, é certo, ao longo dos dias. Ele nunca nega a Sua presença e Força. Quando a luz da fé está nos caminhos do seu viver, o homem não cairá jamais no desânimo.

A pergunta inquietante e pungente por vezes — *porquê o sofrimento?* — não tem resposta nos compêndios dos

homens, nem nas palavras concretas de Deus. Mas, quando Cristo desceu ao nível do homem e quis voluntariamente sofrer, então a resposta foi-nos dada na Sua pessoa. Ele amava o Pai e sentia-Se amado.

Tenho visto muitos doentes sofrendo. À reacção inicial de incerteza e de angústia advém a calma quando o doente começa a interiorizar a própria doença e a olhar para o Alto.

Nestas alturas é patente a Fortaleza do Espírito que derrama coragem suficiente para enfrentar o mal, para superar as limitações. Às vezes são os doentes quem transmitem aos sãos a paz e a confiança nestes abaladas.

De Deus poderá não advir a cura, mas vem com certeza e sempre a Fortaleza que produz a paz interior.

O homem que se deixa conduzir pelo Espírito é o mais forte de todos, ainda que os olhos da carne o contradigam. É que ele canta com o salmista:

«O Senhor é minha luz e salvação. A quem temerei?»

Padre Baptista

Benguela

Continuação da página 1

primeira vez, em nossa Casa, na hora da colheita, eram mais de duzentas pessoas, juntas aos nossos pequenos e mais velhos, a tirar o algodão das cápsulas das plantas e a metê-lo em sacos. Nunca vi um campo tão bonito como naqueles dias.

Queremos responder à guerra com o nosso trabalho. Queremos responder à violência com o dar as mãos às mães e aos pais para que tenham pão em suas casas. O peso social é muito grande, nesta hora. Pensei em libertar-me um pouco deste peso. Seria cruel se o fizesse. Não mandarei embora nenhuma das pessoas que ganham o pão em nossa Casa. Sinto também as vossas mãos a segurar estes corpos e estas almas para que tenham vida. Por isso, continuaremos de cabeça erguida.

● Nosso amigo Amorim, recebemos as dez caixas de sabão que nos mandou. Um tesouro!

Padre Manuel António

PENSAMENTO

É necessário que seja do povo uma Obra que restitua ao povo os valores perdidos.

PAI AMÉRICO

Notas do tempo

Continuação da página 1

suas vitórias, no sentimento de que «há alguma coisa mais a fazer». Só um Humilde olha para outros com a impressão de que são melhores e fica «com uma certa inveja» da dedicação que neles descobre, descontente do que em si rotula de apenas «intenções». E não o são, apenas.

Lembrado do que passou em criança, ele podia sofrer, agora, de um mal que o nosso povo diz assim: «mais olho que barriga». Podia achar ainda pouco a posição que granjeou com o seu esforço. Tem filhos a criar e a sua única arma é o trabalho! Podia revestir-se de prudência a respeito do futuro dos seus e calar dentro de si aquela voz de insatisfação que fala a respeito dos outros. Não senhor; opta pelo presente de uns e de outros. Luta por eles e não se deixa prender na teia sedutora dos frutos conseguidos. Usa-os tanto quanto e do mesmo modo os reparte. Tal como hoje, amanhã, Deus é. O pão de cada dia está nas Suas mãos — eis a certeza que funda a sua liberdade nesta área de tanto risco em que a vulgaridade se confunde e a hipoteca. Feliz! Nós acreditamos na promessa aos «Pobres que o são no seu íntimo». Feliz! e causa de felicidade para muitos, também para mim.

Obrigado.

Padre Carlos